

## Poetas Esquecidos

---

ÁLVARO MARTINS

Desconhecido das novas gerações, e esquecido pelas antigas, é Álvaro Martins, entretanto, uma das mais destacadas figuras do panorama poético cearense, tendo sido mesmo um dos mais festejados poetas nos fins do século passado e início deste.

Filho do capitão Antônio Dias Martins e de D. Teresa Dias Martins, nasceu Álvaro Dias Martins no Trairi, em 4 de abril de 1868, vindo a falecer em Fortaleza, no dia 30 de junho de 1906.

Tendo-se transferido para cá em 1879, “a empregar-se como caixeiro e a iniciar os estudos”, consoante informação de Guilherme Studart, em seu meritório *Dicionário Biobibliográfico Cearense* (1.º vol., p. 37), seis anos depois embarcava o poeta para o Rio de Janeiro, onde iria colaborar na *Cidade do Rio*, jornal abolicionista de José do Patrocínio, e na *Gazeta Nacional*, jornal republicano de Aristides Lobo e outros.

De regresso ao Ceará, vê-lo-emos, ainda na década de oitenta, colaborando intensamente no *Libertador*, onde, sob o pseudônimo de Alvarins, assinava as “Curvas e Retas”, secção onde também colaborava Antônio Sales. Por essa época, ao lado de seu irmão, o poeta Antônio Martins, e de nomes consagrados, como Juvenal Galeno, Justiniano de Serpa, João Lopes, Rodolfo Teófilo, Oliveira Paiva e outros, brilha nas páginas d’*A Quinzena*, órgão do Clube Literário.

Quando da fundação da Padaria Espiritual, em 1892, é ele um dos “padeiros” da primeira hora, adotando o nome de guerra de “Policarpo Estouro” e enchendo as primeiras “for-nadas” com a verve esfuziante de seu espírito jovial, ao lado de Antônio Sales, Lívio Barreto, Jovino Guedes, Henrique Jorge e outros.

Cedo, porém, haveria de desavir-se com os antigos companheiros e, juntamente com outro membro da Padaria Espiritual, Temístocles Machado, funda, em 1894, o Centro Literário, entidade que, rivalizando com o já famoso grêmio de Antônio Sales, haveria de projetar-se como uma das mais notáveis associações culturais da história literária cearense.

Aí, pontificou Álvaro Martins ao lado de Guilherme Studart, Pápi Júnior, Rodrigues de Carvalho, Aníbal Teófilo, Quintino Cunha, Fiúza de Pontes, e muitos, muitos outros vultos eminentes de nossa vida literária.

Foi então que publicou seu primeiro livro, *Os Pescadores da Taíba* (1895), saudado entusiasticamente não só pela crítica nacional, através da palavra de Valentim Magalhães, mas também pelo mundo cultural português, através do elogio de Eça de Queirós.

A este livro seguiram-se: *Capela Milagrosa* (1898), *Agonia Suprema* (1901), *Casa Mal-Assombrada* (1903) e *Come-morando o Tricentenário do Ceará* (1903), em colaboração com Rodrigues de Carvalho.

Dando sua contribuição ao teatro, escreveu algumas revistas, como *O Belecho* (1898), *Lopes, Veiga e Companhia* (1898) e *Me Ceda...* (1903).

A feição mais característica da poesia de Álvaro Martins é a nota regional, cheia de simplicidade, como nesta descrição da Taíba:

*Por entre as ruínas gretadas,  
onde o cardo nasce e medra,  
nos toscos degraus de pedra,  
das torrezinhas golpeadas,  
há ninhos de tentilhões  
e frescas vegetações  
de flores aveludadas.*

Entretanto, um dia, compôs ele um soneto que pode ser enquadrado no puro Parnasianismo francês. Trata-se de “A Aranha”, vencedor de um concurso literário instituído pela *Revista Acadêmica*, em 1903:

*Da água no úmido seio, a aranha misteriosa,  
Artífice do oceano — ao noturnal palor,  
Urde os fios, estende a rede caprichosa,  
Leve trama irial, de artístico lavor...*

*E ali, na oscilação da vaga tumultuosa,  
Oculto, entre os ramais da flora multicolor,  
Prende aos elos, no ardil, da teia luminosa,  
Algas, conchas, corais, que vogam em derredor.*

*Calma, às vezes, do abismo a leve face enruga,  
Vagarosa arrastando o casco, a tartaruga,  
Na doce ondulação do líquido cristal.*

*Passa perto da teia. E a aranha, que não dorme,  
Ao vê-la, se contrai; e, abrindo a fauce informe,  
Crava-lhe o frio olhar, venéfico e letal!...*

Por sinal, ainda no século passado havia feito ele uma tradução do “Récif Corail”, de Heredia, da qual se conta que Eça de Queirós considerou, sob certos aspectos, superior ao próprio original!

Entanto, o poeta há de ficar como um dos mais suaves cantores de nossa poesia regional. Incluído entre os *Poetas Esquecidos* (1938) de Mário Linhares, Álvaro Martins, que é Patrono da Cadeira n.º 2 da Academia Cearense de Letras (ocupada por Luís Sucupira), e tio do acadêmico Carlyle Martins, também delicado poeta, está longe de merecer o esquecimento dos que, no Ceará, ainda cultuam a poesia.

S. de A.